

## ALFRED RUSSEL WALLACE

(1823-1913)

**A** 26 DE MAIO de 1848, acompanhado de HENRY BATES, chegava ao Pará, aquele que — na Insulíndia — dez anos mais tarde haveria de ligar perpetuamente o seu nome à teoria da evolução biológica. Trata-se de ALFRED RUSSEL WALLACE, nascido a 8 de Janeiro de 1823, em Usk, Monmouthshire (Grã-Bretanha). Em 1840, achava-se ao sul do País de Gales, quando, a fundo, iniciou o estudo de história natural, ciência que desde logo o empolgaria.

Se o estudo da vida — tanto animal como vegetal — levou-o ao ardente desejo de visitar a região tropical, afim de, in loco, contemplar-lhe a exuberância da flora e da fauna, foi, porém, a leitura da obra do norte-americano WILLIAM H. EDWARDS — “A voyage up the River Amazon Including a Residence at Pará” — que indicou a WALLACE o caminho do Brasil, para onde se transportou — e à própria custa — trazendo, ainda, no espírito, o firme propósito de resolver o problema da origem das espécies.

Embora remontando, em verdade, à época dos filósofos gregos, a idéia do processo evolutivo da Natureza exigiu, entretanto, quase dois mil anos para que pudesse vir a ser definitivamente enfrentada pela opinião científica, apesar dos pacientes esforços e dos trabalhos metódicos de filósofos e naturalistas posteriores.

A publicação simultânea, em 1858, das conclusões a que, numa feliz coincidência, chegaram CHARLES ROBERT DARWIN e ALFRED RUSSEL WALLACE, relativamente ao “grande drama da evolução” — teve, contudo, não somente o mérito de inclinar a balança da opinião científica em favor dos partidários da corrente evolucionista, como o efeito de colocar o discutido problema sobre bases verdadeiramente sólidas.

Foi principalmente pela contribuição trazida ao desvendamento do problema da evolução biológica, que ALFRED RUSSEL WALLACE adquiriu o renome de cientista, ilustre sob todos os aspectos, respeitado tanto na Grã-Bretanha como no resto do mundo.

Do seu extraordinário trabalho em prol da ciência, pode dar idéia a lista — aliás, incompleta — das 20 publicações, que compõem a sua bibliografia, organizada pelo historiador patricio BASÍLIO DE MAGALHÃES, e constante do estudo biográfico de ALFRED RUSSEL WALLACE escrito pelo eminente homem de letras para a edição brasileira de “Travels on the Amazon and Rio Negro” (London, 1853) obra publicada pela Companhia Editora Nacional, S. Paulo (1939), tradução de ORLANDO TORRES.

De interesse geográfico, com especialidade para os fins desta “Revista”, destacam-se, porém, “Travels on the Amazon and Rio Negro” (London, 1853); “Palmtrees of the Amazon” (ib., id.); “The Geographical distribution of Animals (London, 1876, 2 volumes); “Natural Selection and Tropical Nature” (ib., 1878); “Tropical Nature, With Other Essays” (London, 1889), etc.

Todavia, fora do terreno puramente científico da biologia, ALFRED RUSSEL WALLACE publicou, em Londres, 1882, um trabalho intitulado — “Land Nationalization — Its Necessity and its Aims” — o qual constituiu verdadeira contribuição, ou “cooperação, teórica e prática”, como escreveu BASÍLIO DE MAGALHÃES, “na agitação social que culminou em toda a Grã-Bretanha no derradeiro quartel do século XIX”. Além disso, em apêndice à terceira edição da obra anteriormente citada, sugeriu WALLACE, a nacionalização da propriedade das casas de morada, preocupado que estava com a prosperidade pacífica da pátria britânica, então perturbada pela crise econômica e industrial que, já em 1880, preparava o advento da Federação Social-Democrática.

Da influência que a região amazônica exerceu sobre o espírito de ALFRED RUSSEL WALLACE, dá-nos conta o próprio sábio, ao escrever o prefácio da primeira edição de “Viagens pelo Amazonas e Rio Negro”.

Embora houvessem chegado juntos ao Brasil, WALLACE e BATES, em comum, apenas fizeram excursões, nas cercanias de Belém do Pará, e, posteriormente, pelo rio Tocantins.

Se BATES, depois de haver seguido rumo diferente em 1849, de novo se avistou com WALLACE em Barra do Rio Negro, em 1850, o certo é que, a partir deste último ano não mais se encontrou com WALLACE RUSSEL, em território brasileiro.

As observações e estudos de ALFRED RUSSEL WALLACE, contidas no livro “Viagens pelo Amazonas e Rio Negro”, referem-se quase na sua totalidade, à zona de que se incumbiu pessoalmente WALLACE de explorar, ou seja, a zona do rio Negro e do alto Orenoco.

O livro, além de um mapa do rio Amazonas e da parte norte da América do Sul, encerra inúmeras estampas, ora de capelas, fazendas, aldeias, objetos e utensílios domésticos indígenas, inscrições, artefatos, etc., ora, de rios, furos, rochas. Também abrange gráficos de real importância: médias de temperatura, comparações, médias de pressão atmosférica, quedas de chuvas, num período de três anos, etc.

Nos dezessete capítulos de “Viagens pelo Amazonas e Rio Negro” — o cientista aborda temas variados, muitos dos quais intimamente ligados à geografia, ou situados mesmo, no seu amplo domínio de estudos.

No trabalho, em questão, há frases que são geograficamente muito bem feitas, como — por exemplo — as que compõem a descrição da paisagem de Belém do Pará por ocasião de sua chegada à cidade, em 1848.

O vigor da vegetação foi, desde logo, objeto de considerações oportunas e de comparações com a paisagem fito-geográfica da Europa.

Os rios Guamá e Capim forneceram assunto para o quinto capítulo, com os seus pássaros e insetos, seus escravos e escravatura, seus canaviais, e, sobretudo, com a pororoca que observou, pela primeira vez, a trinta milhas de Belém, e explicou graciosamente após um inesperado reaparecimento.

A geografia física, geologia e clima, bem assim a vegetação do vale do Amazonas, foram estudados sinteticamente nos capítulos 14 e 15. As observações sobre a zoologia da região figuram no capítulo 16. O 17 trata formalmente dos aborígenes encontrados no vale do grande rio.

Faleceu a 7 de Novembro de 1913



*Alfred R. Wallace*